



O VULCÃO D'ANTUCO.

O vulcão d'Antuco ou Antujo, que Balbi se satisfaz em indicar alterando-lhe o nome, jaz na provincia da Conceição, e é banhado em metade da extensão pelo pittoresco lago de la Laja. Este vulcão está sempre em actividade; de quarto em quarto d'hora, lança jactos de fumo mais ou menos espesso, e partem d'elle detonações tão formidaveis, que se ouve o estrondo a doze leguas e mais em volta. Desde 1812, pouco mais ou menos, que não vomita lavas; mas, pelas materias que se observam nos lados, pode fazer-se idéa da sua força e actividade nos tempos remotos. Parte da montanha, coberta de cinzas e quasi esteril, serve de abrigo a bandos de *guanacos* bravos; a parte oeste, pelo contrario, banhada quasi inteiramente pelo lago, cobre-se de opulenta vegetação.

A forma conica do vulcão e a sua disposição em escarpa tinham-no tornado inaccessivel até 1829. Todas as tentativas feitas para alcançar o cume eram inuteis, quando o sabio naturalista Pœppig chegou, n'aquelle anno, a fazer a ascensão. Alguns annos depois, mr. Claude Gay subiu-o com infinito trabalho, e chegou ao cume em companhia dos seus tres criados, um dos quaes era francez e os outros chilenos. A cratera, ao fundo da qual o animoso viajante desceu com os companheiros, apresenta uma grande cova ostentando a forma d'uma immensa baudeja

semeada de muitos buracos cuja altura não foi sondada. De toda a parte, e sobre toda a extensão, se vêem grandes porções de neve. O vulcão propriamente dito, ou a chaminé, existe a este d'esta cova; e no momento em que os novos exploradores o observavam de perto, manifestou-se uma erupção de gaz, com tão espantosa detonação, que os criados do intrepido viajante, que nenhum interesse tomavam pela sciencia, fugiram precipitadamente. As observações barometricas, feitas na cratera, deram a mr. Claude Gay a altura de dois mil oitocentos e dezoito metros sobre o nivel do mar. Como todos os vulcões do Chili, Antuco jaz a oeste da extremidade dos Andes.

O SALTO DE LA LAJA.

Retirado em Bolonha, onde devia proseguir pacificamente a vida por mais de noventa annos, o abbade Molina não podia afastar da lembrança a bella região d'America onde nascera, e involuntariamente, para assim dizer, achava a mais encantadora analogia entre a sua verdadeira patria e a adoptiva. « Creio poder com razão comparar, dizia elle, o Chili á Italia: como a esta chamam o jardim da Europa, aquelle merece com mais justiça o nome de jardim d'America meridional. O clima d'estes paizes é quasi

MARÇO, 20, 1858...

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

egual, e os seus graus de latitude tem muita analogia. Assimilham-se ainda em outro ponto, que é serem ambos os paizes mais compridos do que largos, e divididos por uma cadeia de montanhas. Os Andes são para o Chili o que os Apenninos são para a Italia: a nascente de quasi todos os rios que banham o paiz, levando a toda a parte a fertilidade e a abundancia.»

Molina foi por muito tempo a unica autoridade a invocar quando se tratava de conhecer a geographia e historia natural do Chili; meio seculo tem apenas decorrido desde a epocha em que elle escrevia, e o seu livro, tão repleto d'observações judiciosas, está completamente esquecido pela vasta publicação de mr. Claude Gay. E porque o sabio chileno consignava pacificamente em Bolonha, no seu gabinete, o que lhe inspiravam as recordações da mocidade e as observações de alguns compatriotas, em quanto o sabio francez consagrou doze annos a trepar as montanhas d'aquelle bello paiz, a vogar pelos rios, e a transpor as catadupas; seria baldado procurar a'outra parte as descripções exactas que o seu livro contém.

A ribeira de la Laja, diz elle, é dos maiores afluentes do rio Biobio; tem origem no lago do mesmo nome, situado ao pé do vulcão d'Antuco. Depois d'um curso abundante de dez a quinze leguas, atravessa a planicie de *los Angeles*, e pouco antes de entrar no rio de que é tributaria, precipita-se em toda a largura n'uma cachoeira, celebre em todo o paiz sob o nome de *Salto de la Laja*. Um pouco acima d'esta cachoeira, encontra-se segunda, quasi da mesma extensão, que mede, como a primeira, seis a oito metros d'altura. Ainda que a ribeira apresenta no curso muitos vaus, como o de Salto é muito mais facil e menos perigoso que os outros, todos os habitantes lhe dão naturalmente a preferencia. Apesar do imponente aspecto, o Salto faz parte do caminho que une os Angeles a Chillan e a Santiago, capital do Chili. A proximidade em que esta cataracta está das fronteiras da Araucania, tinha-a tornado outr'ora celebre, principalmente durante as guerras que o governo hespanhol teve de sustentar contra os indios. Em mais d'uma occasião, esta passagem foi fortemente disputada pelos combatentes. Para se assegurarem a posse, os hespanhoes edificaram ahi um forte. A perfeita tranquillidade de que o paiz goza, ha muito tempo, do lado do territorio araucan, foi a causa d'esta construcção strategica desapparecer.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

CAPITULO I.

Outra vez o Porto. — Alojamento. — Melhoramentos publi-

cos. — Edificações, e camaras municipaes. — O autor, ao mesmo tempo que vae provando a sua sabedoria mostra a facilidade com que todos são hoje sabios. — Respeito que se deve á toleima.

Eis-me outra vez no Porto, depois de tres annos. Como da primeira vez, fiz a viagem por mar, e vim enjoadissimo no vapor; mas a culpa é minha, pois sei que apesar das poucas estradas que temos, apesar do temeroso chouto da cavalgadura de aluguel, que desloca admiravelmente o corpo humano, apesar dos barrancos, tremedaes, e precipicios que se encontram nos ruins caminhos da nossa terra, tudo é preferivel ao enjoo a bordo de um navio falto de commodos, jogando furiosamente com o mar sempre desinquieta das costas de Portugal. E como, tendo eu esta opinião, preferi a viagem maritima á terrestre, é bem feito que me succedam todas as pequenas miserias porque passo, afim de me corrigir.

Participo-te, leitor amigo, que tendo-me dirigido ao *hotel da Aguia de oiro* ali me encaixaram n'uma trapeira, por não haver outro quarto disponivel, e que por isso a primeira coisa que eu fiz, antes ainda de almoçar, foi dar ao diabo a minha mania de viajar. Estava pois occupado em procurar sobre quem descarregaria o meu mau humor, quando me appareceu o meu velho amigo Antonio de Moraes, e quasi á viva força me levou e instalou em sua casa na rua do Almada. Estou em perfeita liberdade, e em boa companhia, condições que raras vezes se encontram reunidas na vida, e das quaes é preciso usar com moderação; farei por não abusar d'ellas, partindo para o Minho apenas o bom tempo reappareça. Estamos no mez de Maio, e chove constantemente ha oito dias. D'esta vez a fortuna trata-me melhor, porque me collocou em sitio onde não tenho occasião de sentir o enfado.

O Porto está muito diferente do que o deixei ha tres annos. Tem-se edificado muito e bem; mas não é ao municipio que se devem os grandes melhoramentos que tenho achado. É o dinheiro dos particulares, as muitas e poderosas fortunas que ultimamente tem vindo do Brazil, as não menos importantes riquezas adquiridas pelos negociantes d'esta praça no seu immenso e variado commercio com todo o mundo, e é sobretudo a conveniencia de empregar estes capitães, improductivamente enthesourados, quem está aformoseando a cidade. Se em todas as construcções se tivesse seguido o mesmo gosto que se nota em grande parte, mais visível ainda seria o aperfeiçoamento; porém, á feitura de muitas propriedades tem presidido um gosto depravado, que desnatura a belleza de algumas ruas, e tambem algumas das melhores praças. Succede o mesmo em Lisboa, bem sei; mas isso nada prova, nem eu quero dizer que o mau gosto seja exclusivo do Porto. As camaras municipaes competia o velar por todas as edificações que se fazem em seus respectivos municipios, exami-

nando os riscos, dando um plano geral de construcções, e impondo aos engenheiros, architectos, mestres de obras, e proprietarios, a obrigação de se não arredarem de um certo systema nem de uma ordem determinada e sensata. Em quanto se não fizer isto nunca as nossas cidades chegarão a ser formosas. Que um proprietario queira levantar um predio de extravagante e caprichosa architectura, ou mesmo sem nenhuma architectura, embora! porém que o faça em terrenos para isso destinados, ou nas quintas e terras dos arrabaldes, e nunca nos alinhamentos das ruas que devem ter certa regularidade. Eu tambem não voto pelas construcções uniformes e pautadas; entendo que a variedade é sempre agradavel; mas essa mesma variedade tem as suas leis, gosto, e ordem a que está sujeita. Só a natureza é permittido erguer uma collina no meio de uma planicie, ou lançar uma torrente atravez de montanhas sem desafinar a admiravel harmonia que preside a todas as suas obras. Mas se o homem construir uma barraca entre dois palacios deseguaes, o seu trabalho ficará ridiculo. A arte tem as suas harmonias, e regras que devem estudar-se. Assim se faz em toda a parte, menos em Portugal, onde ha comtudo as sabidas excepções. E como podem os particulares edificar habitações elegantes e confortaveis se, além de não estarem sujeitos a nenhuma prescripções municipaes, tem nas obras das mesmas municipalidades os exemplos do mau gosto? Não é este o lugar nem a occasião para taes disputações, e por isso passarei a outra materia.

Eu bem sei que o leitor está pasmado da facilidade e sabedoria com que eu discorro n'estas questões, e por isso lhe declaro que tenho aprendido muito n'estes ultimos tempos. Eu não sou o mesmo homem que escreveu a primeira parte d'esta viagem, livro insulso e sem graça ou sciencia que o torne querido e respeitado; hoje sou um sabio; todos são hoje sabios n'este paiz e por isso eu o sou tambem, porque não quero ficar atraz dos outros. A sciencia nos nossos tempos é muito facil de adquirir; compra-se um *almanack* e aprende-se n'elle para todo o anno. Os que sabem um pouco de francez, podem ir muito mais longe. Ha um livro chamado *A chave da sciencia*, onde eu bebi erudição para todo o resto d'este seculo, porque todos os sabios meus contemporaneos não são capazes de saber mais do que ensina aquella famosa obra. Já vê o leitor que bastam dois livros para se alcançarem conhecimentos profundissimos, e ainda assim não se perde com elles tempo algum. Lêem-se quando a gente se deita, até chegar o somno, que elles attrahem muito naturalmente, e sempre fica na cabeça material para se conversar no dia seguinte. Uma semana de *almanack* e outra de *chave da sciencia* bastam para trazer sempre o espirito alimentado a pão fresco e alvo. Só os que nasceram completamente cegos de entendimento é que não podem passar hoje

por sabios; mas apesar d'isso gosam todos de muito respeito porque a toleima está considerada como uma virtude civica. E na verdade, se não fosse ella que fim teria levado este pobre Portugal? Ha muito que a civilisação nos teria invadido sem piedade; que nas nossas terras se teriam adoptado novos systemas para melhorar a agricultura; que se teriam reformado os abusos administrativos; que os caminhos de ferro, com as suas machinas insolentes e turbulentas, teriam atravessado as nossas fronteiras, sujando o nosso limpido ceo com fumo de carvão de pedra! Estavamos bem arrançados se não fôra a tenacidade com que ella se põe de vez em quando á frente do paiz, e grita, arrumando os pés á parede: *não quero!* Boa e generosa toleima! no momento em que tudo se considera perdido, em que alguns caturras se lançam furiosos sobre um abuso, ou um velho prejuizo para o amputar cruelmente, quando uma reforma vae quasi a *metter dente* n'uma repartição, quando se tenta dar ouvidos á voz impertinente do senso commum, é então que ella, sacrificando-se pela patria que a mantem, se precipita com todo o peso da sua omnipotencia e aniquila tudo, impede tudo, e prova triumphantemente que só ella podê tudo.

Por muitas vezes temos estado quasi quasi a cair no abysmo das idéas illustradas, victimas d'essa fatal tendencia que tem arrastado todos os povos da Europa á deploravel situação do seu desinvolvimento; mas grande coisa é o ser a gente protegida, amparada pela toleima! Ella teve entre nós o seu berço, e jurou de não sair jámais de um paiz onde a tratam tão delicada e primorosamente. Oh! como o seu procedimento é nobre e digno da admiração e reconhecimento dos povos! Respeitemol-a pois, leitor amigo, porque realmente devemos-lhe muito; e em quanto ella fôr conosco, não desceremos até ao nivel das nações cultas, que se não pejam de abrir as portas á civilisação. Toleima, eu te saúdo e respeito como a unica senhora absoluta a quem dou contas das minhas acções, para que me não retires a tua protecção, e com ella a minha subsistencia; eu venero-te como rainha que amanhã me podes pôr o pé no peçoço e expulsar-me da minha patria, negar-me o pão, o espirito, a intelligencia e a vida; porque tu podes na terra tanto como Deus no ceo.

A'quelles a quem desagradar o periodo anterior, pelo absoluto da doutrina que n'elle se professa, não aconselho que prosigam a leitura da minha viagem, porque provavelmente mais de uma vez ainda terei de voltar á materia. Além do desvelo e acatamento com que sempre se tem procurado associar a toleima a todas as grandes exigencias da actualidade, as suas obras n'esta ditosa terra avultam por tal modo que eu não podia em consciencia deixar de mencionar alguns dos seus monumentos. E demais, o leitor imparcial não leva de certo a sua austeridade até ao ponto de exigir de mim que me ca-



O SALTO DE LA LAJA.

le, se por cá encontrar coisa semelhante ao monumento do Rocio de Lisboa? Era uma tyrannia, a que eu me não subjeitava, mesmo apesar da sympathia que me merece o leitor. Pois eu havia de passar por uma obra d'arte como aquella, sem que me pozesse logo a gritar por todo o genero humano para que viesse ali ver e aprender? Não senhor; isso não faço eu! Infelizmente, o Porto ainda está muito atrasado em bellas artes, e por cá não se encontram trabalhos como os do famoso *galheteiro* da Praça de D. Pedro; e oxalá, se os houver, que sejam em sitio onde eu possa dar com elles, e verão como os sei tratar! Mas aquella monumento do Rocio de Lisboa, aquella parto de maravilhosa

imaginação, é que me leva todos os meus pensamentos, admiração, e saudades! Não permita Deus que eu morra sem tornar a vê-lo, e estudal-o, porque tenciono empregar os restos da minha existencia em cantar n'um poema *pantagruélico* aquelle monstro monumental. Ora façam-me favor de perder o respeito à toleima, vendo-a consagrada até na columna que deve conter a estatua de um principe immortal! Vejam se é possivel fazer-se desacato a essa soberana potencia, que despreza o saber dos vivos e zomba dos mortos illustres? Quem se atreve a *ir-lhe á mão*? Os governos dão-lhe protecção, agasalho, dinheiro, e honras; as artes edificam-lhe muitas vezes palacios opulentos, e de tem-

pos a tempos entregam-lhe um marmore precioso para ella estragar, uma obra d'arte, um monumento do Rocio, como acepipe de sultana enfastiada que lança no Bosphoro um milhão de perolas para se distrahir! Consumem-se contos e contos de réis para ella (a toleima e não a sultana) satisfazer o seu capricho, e ninguem ousa abrir o bico! Os parlamentos votam com entusiasmo quantias enormes, que os ministros entregam com fervor, e que a toleima empolga com arrebatamento e gasta segundo a sua phantasia, porque ninguem lhe pede contas! Por vezes apparecem nos seus cortejos figuras distinctas que com a sua presença parecem autorisar-lhe os desvarios; todos contribuem mais ou menos para que seja ella a primeira força, a primeira influencia terrestre, e se não tem mais poder é porque realmente o não quer! Já disse que ella pode tanto na terra como Deus no ceo, e por isso accrescentarei que se ella não tem nas mãos os destinos do mundo não é por falta de ambição, nem por não saber dirigil-os; é porque se não quer incommodar, é por que tem quem a sirva em tudo quanto deseja.

Ora, leitor, eu bem sei que tens muita razão de te enfadares comigo; de vez em quando esquece-me de que ando a viajar, que tenho obrigação de te contar o que vejo, e metto-me em casa a conversar com uma velha pasta, onde recolho os meus apontamentos; esta pasta, que constantemente me acompanha, distrahe-me quasi sempre com as mil notas que me mostra, e que eu começo a ler e a transcrever a esmo para esta narração incrível. Foi isto o que agora me succedeu em quanto esperava pelo jantar ouvindo bater a chuva nas vidraças do meu quarto. A desalmada pasta entre-aberta em cima da mesa, por mais de uma hora me esteve namorando, e provocando a que abysmasse em suas revoltas entranhas a minha curiosidade. Umás poucas de tiras de papel espreitavam-me pelas aberturas, desafiando-me a que puxasse a ponta da ultima fita que as impedia de se lançarem alegremente ao meu encontro. Não podendo resistir á tentação desatei o laço, e um fragmento de papel pardo, que parecia vexado de o encontrarem n'uma companhia tão aristocratica, saiu a correr pela pasta fora. Apanhei-o no ar, mirei-o de ambos os lados e não vi nada que lhe tivesse dado o direito de se alojar na minha pasta. Que quererá isto dizer? um pedaço de papel pardo, e sem letras, encaixado entre os meus apontamentos é negocio muito grave! Quem o metteria aqui? E com que fim? Virá elle espreitar as minhas notas? Quem o autorizou a devassar os segredos da minha pasta?... Interroguei-o por muitas vezes e elle sem dizer palavra! Apoquentar-me por semelhante coisa é toleima... Dizendo isto olhei mais attento para o papel e vi então que elle estava coberto de caracteres typographicos quasiimperceptiveis. Li-os com alguma difficuldade e todos diziam: *toleima, toleima, toleima*; uns de pernas para o ar,

outros de lado, alguns descrevendo angulos, curvas, parallelas, transversaes, verticaes: emfim, uma geometria de *toleima*. Aquelle fragmento de papel pardo foi quem me levou a escrever a apologia d'essa eminente qualidade, com que Deus dotou tanta gente. Se desagradei ao leitor, peço-lhe perdão e vou fechar a minha pasta afim de evitar novas divagações.

GOMES DE AMORIM.

LEITURA E REFLEXÃO.

É coisa facil ler; mas é difficil reflectir. Não podemos apropriar-nos as idéas dos outros senão pela reflexão, que faz parte de nós mesmos.

Eu prefiro a força e a evidencia das impressões aos conhecimentos superficiaes, qualquer que seja a sua extensão.

Acontece-nos muitas vezes acreditar que possuímos idéas, quando não temos senão palavras: tomamos os synonymos pelas delinições. Muitas vezes, analysando as palavras, principalmente as metaphoricas, tenho descoberto idéas preciosas. Não devemos servir-nos nunca das palavras sem lhe termos fixado bem o sentido.

Devo ser perseverante e infatigavel em procurar a verdade. Não terei algumas vezes errado por evitar o trabalho de averiguar?

Não lerei obra de phantasia capaz de me enfraquecer o espirito; mas unicamente as obras de poesia e d'imaginação que tendem a fortificar e elevar a alma.

Muitas vezes o meu espirito está confuso; mil vagas idéas me atormentam; n'estas occasiões faria melhor em interromper o objecto das minhas meditações abandonando os livros. Há momentos em que o espirito parece incapaz de estudo serio; em que, por uma especie de sympathia com o corpo, se exhaurem as suas forças; é então preciso o repouso. Porém esta fraqueza natural deve distinguir-se da preguiça, que augmenta quando se consente. É appetecivel vencer mesmo a fraqueza physica, e creio que se pode conseguir. Não podemos costumarmos a applicação de maneira que o proprio soffrimento não possa interrompê-la? Não me tem succedido desculpar muitas vezes a preguiça, mettendo-a em conta de doença?

É necessario emendar-me do costume que tenho de ler mil coisas frivolas; porque destroem as forças do espirito, e desgostam-nos do estudo serio. A ordem e regularidade são-me essenciaes, e quando tenho determinado um plano de estudo, devo submeter-me a todas as provas antes de o abandonar. Se desejo alcançar a clareza das idéas, deveria applicar-me a separar de cada estudo o que lhe é estranho. Quando puzer os

meus livros de parte, e preciso que tente desembaraçar o espirito do estudo, para o deixar gozar com liberdade tranquilla a contemplação das coisas exteriores.

E melhor reflectir por nós mesmos sobre um objecto antes de recorrer ao que pensaram os outros; consegue-se assim descobrir verdades, que nos teriam escapado se tivéssemos primeiro recebido d'outro o modo de examinar o objecto que chama a nossa attenção. Os nossos principios não devem depender nem da educação nem do costume. Quero observar por mim mesmo, antes de indagar as observações que foram feitas antes de mim. Destroe-se todo o pensamento original, aprendendo sempre dos outros como, e o que se deve pensar. A força d'espirito dos que nos são superiores deve ajudar a nossa fraqueza, e não impedir-nos de exercermos as faculdades. É por esta cega crença nos livros que tanto os erros como as verdades se transmitem de geração em geração. As fontes espontaneas do pensamento seccam-se então, e o espirito é inundado por idéas que lhe são estranhas.

Não depender senão de nós mesmos é o caminho que conduz á verdade. Pode-se talvez ter menor quantidade de sciencia, mas a qualidade será superior. A verdade que nos vem por outro, ou que não temos adquirido pelo trabalho pessoal, só produz fraca impressão.

Antes de estabelecer as hypotheses, devo notar e julgar com cuidado os factos sobre que assentam. Deverei escrever em um livro especial as verdades que approvo, afim de as examinar de novo e de as julgar sem prevenção. Devo evitar que o desejo de ser original me faça errar. A ambição é tão funesta como a prevenção; o amor da verdade é o unico principio que deve guiar-me, e as verdades que influem na vida são as unicas dignas de immediata attenção.

Antes quero que algumas verdades importantes penetrem no meu espirito, do que perder-me em um cahos de conhecimentos universaes que até ao presente não tem feito mais que desenca-minhar-me. A sciencia é unicamente meio: é necessario que eu não faça d'ella o fim. Entrégar-me a meditações abstractas sobre objectos inuteis, é perder o meu tempo.

Devo evitar que o coração receba sem exame, e por um sentimento d'entusiasmo, erros sobre a realidade. A conversação em objectos religiosos pode ser-me proveitosa, se tenho o coração aberto á evidencia, se procuro sinceramente a verdade, se sei ouvir com paciencia, sem interromper quem falla, e não desejo brilhar.

Abster-me-hei de fazer ostentação dos meus sentimentos religiosos, ou de fallar da minha experiencia.

Entim seria bom que riscasse a palavra *eu* da minha conversação. (*)

(*) Extrahido d'uma obra sobre a vida de Channing, e seus escriptos.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

ANECDOTAS E FACTOS PARTICULARES SUCCEDIDOS NO TEMPO DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA.

I

Continuação.

A devoção do seculo de Roberto consistia em edificar ou reparar as egrejas. Este principe dedicava a isso, todos os annos, consideravel somma. Era imitado pelos grandes dos seus estados, que se desvelavam á porfia em merecer o titulo de fundadores; levavam mesmo o zelo a ponto de destruir as antigas egrejas, para as reconstruirem á moda. Não se via senão lançar por terra com uma das mãos para levantar com a outra; saquear os bens da viuva e do orphão, para erigir templos ao Senhor; arruinar cinco ou seis mosteiros, para ter a gloria de fundar uma abbadia.

Roberto, querendo impedir que os seus vassallos caissem no perjurio, e incorressem nas penas que d'elle resultavam, fazia-os jurar sobre um relicario de que se tinham tirado as reliquias; como se a intenção não fizesse o crime! Mas então não se raciocinava melhor.

Este principe, estando em Compiègne, foi prevenido de que doze scelerados tinham formado o designio de o assassinar. Prenderam-n'os, e instruiu-se o processo. Porém, em quanto trabalhavam no mesmo, o rei fez-lhes dar a communhão, depois de se terem preparado pela penitencia. Ordenou que comessem com elle, e mandou dizer aos juizes que os tinham condemnado unanimemente, que *não podia vingar-se d'aquelles que o seu soberano admittira á mesa.*

A compaixão de Roberto pelos desgraçados ia algumas vezes tão longe, que, quando o dinheiro lhe faltava, permittia-lhes roubarem-no, e achava muito mau que os estorvassem. Os racioneiros perseguiram-no até ao quarto, sob pretexto de lhe pedir esmola, e tiravam-lhe impunemente quanto tinha de mais precioso nas algibeiras e vestidos. Um d'elles, tendo-lhe cortado metade d'uma franja d'ouro, queria ainda levar-lhe a outra metade. « Retirae-vos, disse o rei com bondade: deve bastar-vos o que já tendes; o resto poderá servir para as necessidades de vossos camaradas. » Occultava-se da rainha para fazer o bem, tanto era o imperio que esta altiva mulher tomara na sua casa! *Tomae sentido, não o saiba Constança*; dizia elle sempre que recompensava os seus criados.

Luiz o Gordo deplorava muitas vezes a desgraça da condição humana, que raramente reúne a sabedoria e o poder. É talvez d'ahi que vem o proverbio: *Se a mocidade soubesse e a velhice pudesse, nunca haveria pobreza.*

Houve uma perda irreparavel no dia da batalha de Fréteval, entre Châteaudun e Vendôme, onde o rei d'Inglaterra derrotou a retaguarda de Philippe Augusto, em 1194. Esta perda

foi a de todos os papeis da corôa. O inglez recusava obstinadamente entregal-os, porque esperava aproveitar-se d'elles. Um guarda dos registros, chamado *Gautier*, que possuia prodigiosa memoria, teve ordem de supprir o que as indagações não podessem subministrar. Estes cuidados não remediarão o mal; mas aprendeu-se a não mais expor monumentos tão preciosos, e para conserval-os foi estabelecido o *thesouro dos diplomas*.

O senhor de Couci, ferido mortalmente no cerco d'Acre, lembrou-se da senhora de Fayel, por quem se abrasava em amor tão puro, como activo e constante. Encarregou o escudeiro de levar o seu coração a esta dama. O marido zeloso encontrou aquelle, e apoderou-se do presente. Ordenou que o coração fosse guisado e o servissem a sua mulher. Depois d'esta o ter comido com appetite, revelou-lhe elle cruelmente o segredo. A infeliz senhora jurou que não tomara mais alimento, e morreu, alguns dias depois, de inanição e dôr.

Indo um dia a Gisors, com trezentos homens, Philippe Augusto encontrou o exercito inglez. Propozeram-lhe que voltasse para traz. « Eu! exclamou o principe; que fuja diante do meu vassallo! Quem quizer vencer ou morrer com o rei, siga-me! » D'improviso cae sobre os inimigos, abre passagem com a espada em punho, e chega a Gisors, quasi sem perda.

A cruzada contra os albigenses deu logar a barbaridades incriveis. Os cruzados sitiaram Beziers. Proximo a dar o assalto, na impossibilidade de distinguir os catholicos dos hereges, perguntaram ao abbade de Citeaux, legado do papa, a resolução que deviam tomar: « Matae-os todos, respondeu o abbade; Deus conhece os que são seus. » Trinta mil habitantes, outros dizem sessenta mil, foram passados ao fio da espada.

Tendo o conde de Montfort, genéral da Liga, condemnado ao fogo dois albigenses; declarou o mais novo que renunciava a heresia. Muita gente pediu o seu perdão. « Não, não, respondeu o conde; se este homem está sinceramente convertido, o fogo servir-lhe-ha para a expiação dos seus peccados; se o finge estar, soffrerá o castigo da impostura. »

Luiz VIII, por seu testamento, legou cem *sous* a cada um dos dois mil hospitaes de lepra do seu reino. Uma caridade prodiga enriqueceu estes hospitaes, como enriquecera os mosteiros; muita gente procurava ter lepra, alim de gosar das vantagens que ella fazia obter. Pensou-se, depois, em despojar estas casas; e, para haver pretexto, foram accusados os leprosos dos maiores crimes. Philippe o Longo mandou queimar muitos, e confiscou-lhe todos os bens.

Continua.

O maior inimigo do magistrado é o que lhe pede uma injustiça.

COINCIDENCIAS N. TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 3.

Continuação.

Tres pareceres e *tres* homens distinctos nas côrtes de Coimbra, as quaes nomearam rei o Mestre d'Aviz. O chanceller João das Regras propunha como primeiro parecer, para rei, o Mestre d'Aviz; Vasco da Cunha, e outros propunham D. João, filho de D. Ignez de Castro: o *terceiro* parecer, era dos que julgavam a corôa a D. Beatriz. A estes dois ultimos pareceres se oppoz fortemente D. Nuno Alvares Pereira, chegando a querer acutilar com a espada a Vasco da Cunha. Finalmente depois da falla, nobre e modesta, do Mestre d'Aviz, as côrtes decidiram-se em seu favor; e até o proprio Vasco foi dos primeiros que o reconheceram e vieram offerecer-se ao seu serviço.

D. Pedro, duque de Coimbra, *terceira* cidade do reino, era filho do primeiro de tres Joões da sua dynastia; teve *tres* irmãos nascidos antes d'elle; e nasceu elle no anno que se seguiu ao de 1393. Empregou *tres* e mais em viajar pelas *tres* partes do mundo, então conhecidas; e era casado com uma de *tres* Isabeis, esposas de filhos do mencionado D. João. Foi recebido na ordem da Jarreteira com tres quintos: em Abril, quinto mez do quinto anno, do reinado de Henrique quinto de Inglaterra, seu primo, neto do duque de Lancastre, como D. Pedro o era por parte de sua mãe. Convidado por D. Leonor, viuva de seu irmão, D. Duarte, para arrimo d'ella, e com *declaração* do defunto que se casasse o herdeiro da corôa com a filha d'elle infante, as côrtes que Leonor convocou em Torres Novas, associaram na regencia *tres* homens á rainha, deixando a esta sómente o cuidado da educação do filho, D. Affonso v. Os *tres* homens foram: D. Pedro duque de Coimbra, que teve os negocios da guerra; o marquez de Villa Viçosa, que foi encarregado dos da justiça; o conde de Atouguia, ao cuidado do qual, como aio, ficou o joven rei. A rainha, offendendo-se com isto, recorreu a outros *tres* homens: ao arcebispo de Lisboa; ao conde de Barcellos, filho natural de D. João I; e ao infante D. João genro do conde. E por causa d'isto, para atalhar contendias, nomearam as côrtes, regente, a D. Pedro, a quem veiu o conde de Barcellos pedir a *declaração* que lhe tinha dado a rainha, da vontade do defunto rei.

No anno seguinte a 1444 separaram-se por uma bulla do papa as *tres* ordens: a ordem de Calatrava de Hespanha, as de S. Thiago, e Aviz

de Portugal; e tres annos depois celebraram-se as nupcias de Affonso v com D. Isabel, filha do regente, infante D. Pedro.

Os inimigos do regente D. Pedro tiveram o atrevimento de o accusar, estando ausente com licença do rei, do envenenamento de tres pessoas reaes: do rei D. Duarte, da rainha D. Leonor, e do infante D. João; mas elle achou tambem tres defensores: D Henrique seu irmão, que de Sagres veio justificar-o; D. Fernando governador de Ceuta; que de proposito partiu para Lisboa a defender seu tio, contra seu pa: finalmente Alvaro de Almada, conde de Abranches, que veio ao conselho, todo armado, desmentindo os aleivosos, na presença do proprio rei. Aconselhado D. Pedro, a que apparecesse na corte a justificar-se de não ter entregado as armas quando lhe foram exigidas: como viesse no caminho da capital, acompanhado de tres vezes quinhentos homens (mil eram de cavallo), foi declarado rebelde, accommettido, e morto de uma setta. Tambem aqui morreu, pelejando pelo seu amigo, o conde de Abranches. Refere-se que tinham commungado ambos, jurando sobre a divina Eucharistia morrerem um pelo outro. O corpo de D. Pedro por tres dias esteve sem sepultura; até que alguns camponeses o levaram a furto, a enterrar na igreja de Alverca. Um dos seus maiores amigos lhe cortou a cabeça, e a levou ao rei, que puzera contra elle trinta mil homens, e mandara que, vencido e morto, lhe não dessem sepultura. Teve comtudo tres: a primeira, a mais honrosa, em Alverca; a segunda, que lhe deu Affonso v em Abrantes, depois do papa Nicolau v excommungar os que lhe negaram cova; a terceira no quinto anno que se seguiu ao quinquagesimo do seculo quinto em 1456 (seus ultimos tres quintos), foi no convento da Batalha para onde o transportaram do castello de Abrantes.

Continua.

Eu e ella.

EU — Ha quanto tempo, donzella,
Eu não beijo a tua mão,
Que tens distincta e tão bella,
Como tens o coração?...

ELLA — Quanto affirmas, quanto queres,
Acreditar devo lá?!...
Essas phrases, as mulheres
De cor ha muito as tem já.

EU — E's modesta e delicada,
Mas não deves duvidar,
Tanto é a phrase acertada,
Que bem te vejo corar!

ELLA — Eu, corar!... Corei agora!...

EU — Muito. E mais linda a meu ver
Ficaste assim... E quem cora...

ELLA — Quem cora... que quer dizer?

EU — Quer dizer que não se admira.

ELLA — Como assim? Pois o rubor.

Que mal nasce, logo expira...

EU — Tanto diz, que diz amor!

ELLA — D'alma vindo o amor ardente,
Por espelho as faces tem?

EU — Entre nós, diz-me, innocente,
A verdade d'onde vem?

E o que eu affirmo e proclamo,
Sem medo de me enganar,
E' que és de flores um ramo.
Gentil ramo de encantar!

ELLA — Encantar!... Não adivinho.

EU — Não te mostras, não te vês?...

ELLA — Como e a quem?

EU — Quando, sósinho
Tens o espelho em que te lês?

ELLA — Se acaso ao espelho me vejo...

EU — Diz o que eu digo tambem...

ELLA — Diz...

EU — Que tu és um desejo.
Como inda não viu ninguem.

ELLA — Phrases são que não me tocam...
Não quero ouvil-as assim!

EU — Verdades são...

ELLA — Que se trocam...
Em lisonjas para mim.

EU — Pois outras dizer não posso
Vão-te bem.

ELLA — Acho que mal

EU — Não devo chamar destroço
Ao que é bello...

ELLA — Madrigal!

EU — O conflicto é bem renhido
Semilha questão d'amor...

ELLA — Mas não é.

EU — E' só pedido
De beijar um ramo á flor.

ELLA — Com que assim me pede um beijo?

EU — Na mão... pois nunca se viu?!

ELLA — Acho de mais tal desejo;
Mas, emfim... como pediu...

EU — Não me negue esta ventura....

ELLA — Que remedio!

(E deu-me a mão).

Beijei-lhe a mão com ternura,
E apertei-a ao coração!

A formosa corou logo,
Mas a mão não retirou,
E ao sentir-me d'alma o fogo,
De amor os laços atou!

Abril, 2—1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).